

«As suas grandes amizades foram com elas.

As mulheres são o único coletivo humano com que Jesus nunca teve qualquer problema». José María Castillo



Mulher e Teologia

a mulher na Igreja

“As suas grandes amigas foram com elas”

“As mulheres são o único coletivo humano com que Jesus nunca teve qualquer problema”

Uma das coisas que mais me despertou a atenção, na leitura e estudo dos evangelhos, foi o facto de nelas se relatarem numerosos conflitos e discussões, entre Jesus e diversos grupos humanos e pessoas. Desde as mais elevadas autoridades religiosas até aos próprios discípulos que o acompanhavam. Mas há, também, um facto nos evangelhos que atrai, duma maneira particular, a nossa atenção: as mulheres são o único coletivo humano com que

Jesus nunca teve qualquer atrito nem discussão ou problema. Mesmo no caso daquela mulher cananeia que lhe suplicava a cura da sua filha enferma (Mac 7, 26), apesar de se ficar com a impressão de Jesus lhe ter dado uma má resposta (Ma 7,28), o carinho daquela mãe foi tão grande, que fez com que Jesus lhe dirigisse estas palavras: **“Mulher, que grande é a tua fé!”** (Mt 15, 28). E a filha ficou curada.

Insisto: Jesus sempre esteve do lado das mulheres. **Um bom grupo delas acompanhou-o nas suas viagens** (Lc 8, 1-3). E sempre esteve ao seu lado, mesmo quando se tratava de adúlteras (Jo, 8,1-11) ou prostitutas (Lc 7, 36-50). As suas grandes amigas foram com mulheres (Lc 10, 38-42; Jo 11, 1-46). Jesus deixou que uma mulher o perfumasse com um perfume valioso (Jo 12, 1-8). E foram as mulheres que se mantiveram fiéis a Jesus na sua paixão e morte: no caminho do Calvário (Lc 23, 27-31) e após a sua morte (Mc 15, 40-41), junto da cruz. E mais, **Jesus chegou, mesmo, a anular a lei de Moisés (Dt 24, 1), ao conceder ao marido o direito de repudiar a sua mulher (Mt 19, 3-9)**. E, além disso, os relatos da ressurreição dão todo o relevo às mulheres, fazendo delas as primeiras **testemunhas do Ressuscitado**.

Quando pensamos que Jesus disse a Pedro que ele era um “Satanás” (Mt 16, 23)!. E que isso sucedeu pouco depois de ter anunciado, a esse mesmo Pedro,

que ele iria ser a “rocha” sobre a qual Cristo pensava edificar a sua Igreja (Mt 16, 18)! Mas a Pedro não lhe bastou confrontar-se, assim, com Jesus. É que, além disso, na Paixão, **ele negou três vezes** que o conhecia ou fora um dos seus. E, no fim, Judas traiçou-o, e os restantes fugiram, abandonando Jesus.

Na ceia de despedida, Jesus impôs aos seus discípulos três mandamentos: 1º) Teriam que, na sua vida, fazer o que ele fizera naquela noite: **lavar os pés uns aos outros**. Ou seja, tinham de transformar-se em escravos de todos, já que lavar os pés era uma tarefa de escravos. 2º) Tinham de partilhar e repartir o pão e o vinho com os outros, porque

nesse pão e nesse vinho (no pão e no vinho da “eucaristia”), está, realmente, presente o próprio Jesus. 3º) No evangelho de João não se faz menção do mandamento eucarístico e, em vez disso, é-nos dito que Jesus impôs um “mandamento novo”: “que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13, 34-35).

Por que será que este terceiro mandamento é novo? Porque, aqui, já não se recorda o amor a Deus sobre todas as coisas. **Porque “Deus está” no “outro”, seja ele quem for.** De forma que só quem ama “o outro” é que conhece a Deus (1 Jo 4, 7-21).

Ora bem, se tudo isto é verdade (e é o que nos diz a nossa Fé), como é possível que a Igreja tenha organizado as coisas de forma a desobedecer ao que Jesus nos disse e nos mandou e, além disso, não só deixar-se ficar tranquila da vida, como, mais ainda, desobedecer a Jesus, **com a convicção de que está a fazer o que deve ser feito?**



Clericalismo

Como é possível que esteja a acontecer uma coisa destas? Se tantos bispos vivem em palácios, envergam vestimentas que ninguém mais usa, têm privilégios que mais ninguém tem, julgam ter poderes que Deus lhes concedeu a eles e a mais ninguém, não será lógico e inevitável que se esteja a

passar, na Igreja, tudo aquilo a que assistimos? Há bispos que ocultam delitos, registam nas suas dioceses propriedades de incalculável valor, favorecem quem lhes convém, castigam que lhes parece que deve ser castigado, cobram dinheiro por entrar na “casa de Deus”. E fazem tudo isso convencidos de que essa é a vontade de Deus.

Se afirmo estas coisas, é pelo grande amor que tenho à Igreja. Mas

a Igreja que eu pretendo – e a que todos deveríamos pretender – é **a Igreja cuja vida é o mais parecida possível com a vida de Jesus**, o Senhor, o Filho de Deus, a Palavra de Deus. **Se não levamos a sério o Evangelho, de que nos vale sermos muito “canónicos”, muito “piedosos” e muito “clericais”?** Não será tudo isso um enorme logro, e não o caminho que o Senhor Jesus nos traçou?

E termino com uma pergunta: como é possível que as mulheres continuem a seguir esta Igreja que as marginaliza, as exclui, as anula em tantos aspetos...? Por que continuam a seguir uma Igreja que, fundamentada em séculos dum passado longínquo, se nega **e resiste a que celebrem missa ou possam ser esposas de sacerdotes?** Se Jesus não proibiu nada disso, por que o proibimos nós e, ainda por cima, com a consciência do dever cumprido? O que será mais importante: agradar a uns quantos cardeais, ou servir o mundo inteiro?

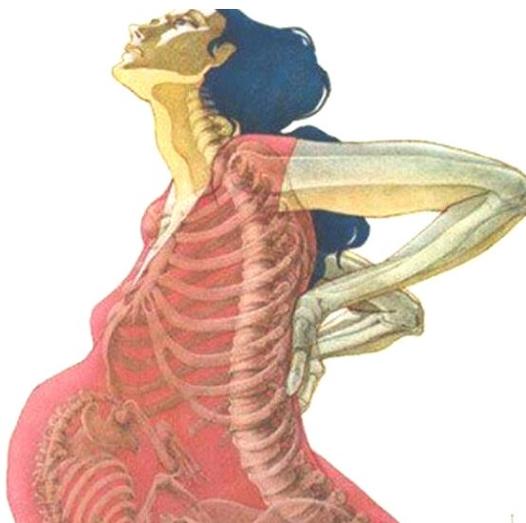
25.02.2020 JOSÉ MARÍA CASTILLO

https://www.religiondigital.org/teologia_sin_censura/Jose-Castillo-colectivo-Jesus-problema-eucaristia-mujeres-evangelio-iglesia_7_2207849209.html

AS MINHAS PERSONAGENS VERDADEIRAMENTE FORTES, verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas. Não é porque eu tenha decidido, é porque sai-me assim. Não há nada de premeditado. Provavelmente isso resulta de que parte da humanidade em que eu ainda tenho esperança é a mulher. E estou à espera, já há demasiado tempo, que a mulher se decida a tomar no mundo o papel que não seja o de uma mera competidora do homem. Se é só para ocupar o lugar que o homem tem desempenhado ao longo da História, não vale a pena. O que a humanidade necessita é qualquer coisa de novo, que eu não sei definir, mas ainda tenho a convicção que pode vir da mulher.

José Saramago, entrevista à Folha de S.Paulo, São Paulo, 18 de outubro de 1995, in *Saramago nas suas palavras*.

«As mulheres têm motivo para estar zangadas com a Igreja, que as discrimina. Jesus, porém, não só não as discriminou como foi um autêntico revolucionário na sua dignificação, até ao escândalo.» Pe. Anselmo Borges



a mulher na Igreja

1. Neste Dia Internacional da Mulher [8 de Março], retomo o que já aqui escrevi em 2011: "As mulheres têm motivo para estar zangadas com a Igreja, que as discrimina. Jesus, porém, não só não as discriminou como foi um autêntico revolucionário na sua dignificação, até ao escândalo."

Veja-se a estranheza dos discípulos ao encontrar Jesus com a samaritana, que tinha tudo contra ela: mulher, estrangeira, herética, com o sexto marido, mas foi a ela

que se revelou como o Messias. Condenou a desigualdade de tratamento de homens e mulheres quanto ao divórcio. Fez-se acompanhar - coisa inédita na época - por discípulos e discípulas. Acabou com o tabu da impureza ritual. Estabeleceu relações de verdadeira amizade com algumas. Maria Madalena constitui um caso especial nessa amizade: ela acompanhou-o desde o início até à morte e foi ela que primeiro intuiu e fez a experiência avassaladora de fé de que o Jesus crucificado não foi entregue à morte para sempre, pois é o Vivente em Deus, como esperança e desafio para todos os que crêem nele, a ponto de Santo Agostinho, apesar da sua misoginia, a declarar "Apóstola dos Apóstolos", precisamente por causa do seu papel fundamental na convocação dos outros discípulos para a fé na Ressurreição - na morte, não cáímos no nada, pois entramos na plenitude da vida em Deus, Deus de vivos e não de mortos. Aliás, já São Paulo, na Carta aos Romanos, pede que saúdem Júnia, "Apóstola exímia".

2. No seu mais recente escrito, o teólogo José M. Castillo vem lembrar a mesma coisa. Quando se lê os Evangelhos, o que constatamos é que Jesus teve conflitos e confrontos com vários grupos, desde as mais altas autoridades religiosas até aos discípulos que o acompanhavam: a Pedro, por exemplo, chegou a chamar-lhe Satanás. Mas há um dado que "chama poderosamente a atenção: as mulheres são o único grupo com o qual Jesus não teve problema algum, inclusivamente naquele caso da mulher cananea que suplicava a cura da sua filha doente; parece que Jesus lhe deu uma má resposta, mas o carinho daquela mãe foi tão intenso que até fez Jesus dizer: "Mulher, como é grande a tua fé!" E a filha ficou curada."

Castillo insiste que Jesus esteve sempre do lado das mulheres, mesmo quando eram adúlteras ou prostitutas. Jesus deixou que uma mulher o

perfumasse com perfume caro, ou lhe beijasse os pés com lágrimas e lhes enxugasse com os cabelos. E foram as mulheres que se mantiveram sempre fiéis no caminho do Calvário e depois da morte, diante da Cruz. E foram as primeiras testemunhas do Ressuscitado, do Jesus vivo em Deus para sempre.

E, atravessando a história da Igreja, lança a pergunta: "Como é possível o que está a acontecer? Se há tantos bispos que vivem em palácios, usam vestimentas que já ninguém usa, têm privilégios que ninguém mais tem, julgam ter poderes que Deus lhes deu a eles e a mais ninguém, não é lógico e inevitável que na Igreja esteja a acontecer o que todos vemos?" E conclui: "Como é possível que as mulheres continuem nesta Igreja que as marginaliza, as exclui, as anula em tantas coisas...? Porque é que hão-de continuar numa Igreja que, apoiada em séculos, nega e resiste a

que celebrem missa ou que possam ser esposas de padres? Se Jesus não proibiu nada disso, porque é que havemos de ser nós a proibir e, para cúmulo, ficando com a consciência do dever cumprido? O que é mais importante: agradar a uns tantos cardeais ou servir toda a gente?"

3. A Igreja continua a ser um dos maiores esteios da sociedade patriarcal. Até inconscientemente, com a doutrina tradicional, embora esta não encontre apoio no Evangelho. Dou três exemplos.

Eva, que estaria, segundo a doutrina tradicional, a partir de uma leitura literal da Bíblia, na base do pecado original, criou a imagem da mulher tentadora, associada ao pecado.

Quando João Paulo I se referiu a Deus como Mãe foi um escândalo tal que não faltaram os protestos, clamando que Deus é Pai e não Mãe. Para esta visão, contribuiu também o desconhecimento da biologia. De facto, o óvulo feminino só foi descoberto em 1827. Por isso, na geração, a mulher era passiva e não activa. Neste quadro, nunca se poderia rezar o credo, começando assim: "Creio em um só Deus, Mãe toda-poderosa, criadora dos céus e da terra..." Nem rezar o pai-nosso dizendo "Mãe Nossa". Mas, em relação a esta concepção, é preciso tomar consciência de que Deus está para lá da determinação sexual e, por isso, tanto nos podemos dirigir a Ele como Pai ou como Mãe. Também se diz que Deus encarnou no homem Jesus. Sim, esta afirmação é clara para a fé cristã, desde que não se ignore que, no Evangelho de São João, se lê que o Logos, que é Deus, se fez carne, no sentido de humanidade frágil. De facto, a palavra utilizada no original grego é *sárx*, que significa precisamente a humanidade enquanto frágil, e não *anér*, *andrós*, que se refere ao homem masculino (daí, andrologia e androcentrismo). Deus

manifestou-se, revelou-se a todo o ser humano, na humanidade frágil do homem Jesus.



Neste contexto, pergunta-se: a mulher não poderá presidir à Eucaristia? Já há anos, o então cardeal-patriarca de Lisboa, José Policarpo, que sabia teologia, fez uma declaração que teve muito eco nos *media*, inclusive estrangeiros: "Teologicamente não há nenhum obstáculo fundamental" à ordenação de mulheres. A recusa baseia-se apenas na tradição. É evidente que, perante esta afirmação, os protestos choveram e o meu amigo cardeal José Policarpo, por pressão do Vaticano, teve de recuar, dando esclarecimentos. Mas,

evidentemente, era ele que tinha razão.

Para contrapor, invoca-se que na Última Ceia não houve mulheres. Ora, esta afirmação é contestada por grandes exegetas. De qualquer modo, onde é que está que Jesus ordenou alguém *in sacris* naquela noite? Mais: o famoso biblista, talvez o maior exegeta do século XX, Herbert Haag, da Universidade de Tubinga, com quem tive o privilégio de privar, ironizou: como eram só judeus os presentes, então a Igreja devia ordenar só homens judeus! Sobretudo: é sabido que as primeiras comunidades cristãs - não havia igrejas nem capelas nem basílicas ou catedrais - reuniam-se na casa de cristãos mais abastados, pois sempre teriam uma casa mais ampla, e quem presidia era o dono ou a dona da casa. Então, se já foi possível mulheres presidirem à Eucaristia...

A questão da mulher na Igreja tem, pois, de ser revista. Para não ferir o que Jesus disse: "Sois todos irmãos e iguais" nem este princípio fundamental do Concílio Vaticano II: "Toda a forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa por razão do sexo deve ser vencida e eliminada, por ser contrária ao plano divino."

Afinal, a linguagem que nos leva a dizer "a Igreja discrimina as mulheres" revela bem onde reside o nervo do problema. Que Igreja é que

discrimina? Quem é a Igreja? Evidentemente, ao dizer que a Igreja discrimina as mulheres, estamos a referir-nos à Igreja hierárquica: Papa, cardeais, bispos, padres, cónegos, monsenhores - com duas classes: clero e leigos -, quando o que Jesus queria era a Igreja como comunidade de comunidades, que obriga a dizer "a Igreja somos nós", a comunidade dos baptizados, homens e mulheres, uma comunidade de iguais, com carismas e ministérios vários ao serviço de todos, entre eles, o da presidência da Eucaristia, exercido por homens ou mulheres.

Pe. Anselmo Borges.
Padre e professor de Filosofia.
DN 08.03.2020

AS MULHERES SÃO MAIS FORTES

Para começar, gosto das mulheres. Acho que elas são mais fortes, mais sensíveis e que têm mais bom senso que os homens. Nem todas as mulheres do mundo são assim, mas digamos que é mais fácil encontrar qualidades humanas nelas do que no género masculino. Todos os poderes políticos, económicos, militares são assunto de homens. Durante séculos, a mulher teve de pedir autorização ao seu marido ou ao seu pai para fazer fosse o que fosse. Como é que pudemos viver assim tanto tempo condenando metade da humanidade à subordinação e à humilhação?

José Saramago, in *'L'Orient le Jour* (2007)'